

Na espiral evolutiva, tudo contará a favor daqueles que se esforçam para vencerem em si, obstáculos que os mantêm cativos.

SANTOS NOVE QUILÔMETROS E MAIS... ‘A PEREGRINAÇÃO’

Religião, qualquer que seja, nos eleva ao poder maior. Chamado de Divino, Pai, Deus, Adonai, enfim...

No entanto, não é sobre liturgias, dogmas, gêneses, dessa ou daquela religião ou doutrina que falaremos nessas breves linhas e sim, tão somente, de exercício, postura, ação, introspecção, também encontrados naqueles arcaibouços religiosos.

(*) É sobre uma das vertentes de ação doutrinária da FEEU que vamos discorrer em gênero de reportagem narrativa.

NARRATIVA DA PEREGRINAÇÃO

Na casa mãe, FRATERNIDADE ECLÉTICA ESPIRITUALISTA UNIVERSAL, tem-se como tradição, a revivescência do chamado “Calvário Crístico” que se dá desde os idos de 1946 com o nome popular de “PEREGRINAÇÃO.”

Peregrinar, para além da sinonímia, tem um sentido muitíssimo profundo. Vejamos:

Já se aproxima das 04h00 em alguns lares e, para outros, até um pouco antes. Em várias casas, as luzes são acesas. As últimas providências e preparativos são tomados. Um cheirinho de café aqui e acolá, além do fervido leite da vaca e, também, um oromazinho diverso de chá.

O céu inebriado com nuvens esparsas. Nele, algo que não se para muito para ver, mas o homenageado do dia parece atento aos movimentos dos irmãos menores... Um cheiro de plantas nativas, orvalhadas... A brisa e a cerração matinal aparecem como apetrechos de um espetáculo, um cenário indicando o assentimento da mãe natureza.

Movimentos inusitados, diferentes e incipientes dessas famílias, acostumadas ao aconchego do leito por mais tempo. Precisa-se de organização para nada esquecer. O templo tem suas primeiras luzes acesas a esperar o momento certo da abertura dos portais. O carro-guia, ajusta seu motor renovado, o som maroto de outrora, deu lugar ao novo.

Um ruído aqui outro lá, nossos irmãos cachorros latem indicando várias presenças, inclusive humanas. É a cidade que acorda em polvorosa... Está agitada.

São 05h e poucos minutos, alguns já se aproximam do Templo. Outros a caminho. Todos conversam muito, contam gracejos, riem e se ajustam aos últimos procedimentos. As vestimentas, sandálias, o cabelo bem-posto, enfim tudo “perfeito” ao cerimonial.

O dia acaba de acordar em plenitude às 5h e tantos minutos. Irmãos entram genuflexos ao altar, introspecções e saudações caras ao coração sequioso de harmonia, paz e luz íntima.

Voltam-se para fora do Templo e aglomeram-se em posturas edificantes...

O número de Irmãos aumenta e já é possível enxergar a formação de colunas duplas que andarão por nove quilômetros até o Monte Tabor... Bandeiras em punho, os Santos e últimos preparativos.

Já bem perto das 06h, as colunas já estão apostas para além dos portões do Templo Sagrado. Logo se ouvirá a corneta indicando a caminhada. O carro-guia tem seu motor ligado. É hora de iniciar. Irmãos mais antigos à frente, porta-bandeira e demais de balandrau atrás, seguindo o rito hierárquico institucional.

Silêncio absoluto. A caminhada inicia. O pensamento voa aos céus, sentidos atentos à miragem ao longo caminho até ao Monte. Para tudo neste momento. É a renovação da fé.

(...)

“Do Lv Fonte Viva – Chico Xavier-Emmanuel Lição 97

A palavra da cruz “Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem, mas para nós que somos salvos é o poder de Deus.” – Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 1:18.)

A mensagem da cruz é dolorosa em todos os tempos. Do Calvário desceu para o mundo uma voz, a princípio desagradável e incompreensível. No martirologio do Mestre situavam-se todos os argumentos de negação superficialmente absoluta. O abandono completo dos mais amados. A sede angustiada. Capitulação irremediável. Perdão espontâneo que expressava humilhação plena. Sarcasmo e ridículo entre ladrões. Derrota sem defensiva. Morte infamante. Mas o Cristo usa o fracasso aparente para ensinar o caminho da Ressurreição Eterna, demonstrando que o “eu” nunca se dirigirá para Deus, sem o aprimoramento e sem a sublimação de si próprio. Ainda hoje, a linguagem da cruz é loucura para os que permanecem interminavelmente no círculo de reencarnações de baixo teor espiritual; semelhantes criaturas não pretendem senão mancomunar-se com a morte, exterminando as mais belas florações do sentimento. Dominam a muitos, incapazes do próprio domínio, ajuntam tesouros que a imprudência desfaz e tecem fios escuros de paixões obcecantes em que sucumbem, vezes sem conta, à maneira da aranha encarcerada nas próprias teias. Repitamos a mensagem da cruz ao irmão que se afoga na carne e ele nos classificará à conta de loucos, mas todos nós, que temos sido salvos de maiores quedas pelos avisos da fé renovadora, estamos informados de que, nos supremos testemunhos, segue o discípulo para o Mestre, quanto o Mestre subiu para o Pai, na glória oculta da crucificação.”

(...)

Olhares que se cruzam, sorrisos discretos, um ruído de prato, caneco e talheres na sacolinha e sons das pesadas no barro e cascalhos, assim como conversas chegadas desconcertadas, sem sentido... Irmãos disciplinadores pedem silêncio e organização na caminhada. Foco na ação. Mais a frente o carro-guia toca a música de orquestra, uma ajudinha lírica aos nossos mais sinceros pensamentos altruístas e de fé.

Irmãos enfermeiros e laboriosos acodem aqui e acolá. Há Irmãos que sentem pesar sobre si os anos da vida física ou de súbitos maus acometidos, mesmo assim gigantes, dão testemunhos de força, garra e sentimentos profundos sobre a significação do pequeno sacrifício diante daquele Maior.

Já passamos, há alguns quilômetros, da altura do Cemitério. Viu-se “Irmãos de balandrau amarelo” na proteção vibratória dos institutos da cidade. Encontramos outros que se

projetam nos matos, em número bem singular neste ano, e com suas simbólicas espadas promovem a mesma proteção energética.

Os campos, relvas, gramíneas, pastagens das fazendas e suas casas de arquiteturas antigas e outras nem tanto, dão calor às emoções e pensamentos que se desgrudam do corpo físico, fazendo dos caminhantes aves sem asas... Vibram ao calor do sol que se ergue majestoso no horizonte aquecendo as gotas orvalhadas e característicos perfumes híbridos. Não se observou os animais das pastagens neste ato, sempre dignos de nota.

ENTENDENDO A ORGANIZAÇÃO DA MARCHA

Nas primeiras filas, vê-se os Irmãos convictos da missão que os assistem. Os Sacerdotes e Samaritanas, alicerces e colunas da Augusta Fraternidade, tem em seus íntimos o propósito, a responsabilidade e missão de darem continuidade à existência para além da Instituição enquanto pessoa jurídica... Em mente o Cristo Redentor, homenageado do dia, bússola segura de crescimento moral-espiritual, Irmão Maior já encarnado neste orbe e sua saga bendita, colocando-se em holocausto como exemplo de AMOR e RENÚNCIA. A Ele todo o sacrifício possível... Nesta ocasião, esses Irmãos, seguem intrépidos, a relembrar e homenagear o histórico e magnânimo Venerável Grão Mestre Yokaanam, criador e patrocinador de uma ideia renovadora da espiral evolutiva através da doutrina eclética. Presença, inequivocamente, majestosa.

Seguindo a hierarquia, logo atrás, vê-se os Irmãos de graus anteriores aos de sacerdotes e samaritanas. Também sustentáculos da doutrina, são em sua maioria os cultores, promotores, trabalhadores, enfim, da causa. Caminham célere e contritos... Alguns destes, circulam por toda a plêiade de participantes conclamando a ordem, disciplina, discricção, silêncio e espírito de introspecção motivo da marcha.

No “batalhão” terceiro, neste ano sem representação menor paramentária, os Irmãos da Comissão Solidária. Uns vestidos a caráter que são os sócios neófitos com ou sem envolvimento com a mesa diretiva, outros ainda sem os trajes desses jalecos com insígnias próprias. Esses irmãos dão seus primeiros passos. Pode-se afirmar que estudam todo o organograma da cidade, seus órgãos e atribuições, disciplina e costumes. Planejam suas ações a partir do calendário anual, preenchendo as lacunas onde a casa mater precisará dos recursos financeiros e laborais. Na marcha peregrina, são solícitos e introspectivos, apostos aos serviços de auxílio onde são necessários.

O grupo de escoteiro, ponto alto de renovação, força, energia e vigor, formado por Irmãos jovens, adultos e mais experimentados, médiuns e não médiuns, apresentam-se na peregrinação como cicerones a tudo e a todos prestimosos e solícitos. Para além da marcha não é incomum vermos vários deles recepcionando os peregrinos, em várias estações, com o tradicional cumprimento dos três dedos da mão direita colados à frente. Pode-se vê-los, nos caminhões, na coleta de alimentos e bacias de frutas num círculo de várias atribuições.

Finalmente o público afim, respeitoso, convicto, sincero e partícipe. Seguindo firme o carro-guia e sua música que dele soa, daqueles homens e mulheres de branco bem mais a frente e dos coloridos escoteiros, das imagens naturais de um lado, do crepúsculo de outro, da fauna, da flora, do ar e do perfume ambiente, imaginam a causa Crística, muitas das vezes, por todos incompreendida, traz ainda consigo a certeza, a convicção que aqueles quilômetros andados por uns, percorridos por outros, são lenitivos ao espírito sedento de paz, compreensão e crescimento espiritual.

DE VOLTA À DINÂMICA

Chegando à primeira estação, os Irmãos, dissipam-se momentaneamente, para a higienização e cuidados corporais. Conversas aqui e ali. Alguém discorre sobre algum episódio da estrada, sorriem agradavelmente e esperam sua vez na fila que se formou para suas necessidades fisiológicas. Abastecem-se de água e outros processos.

Mas, logo retornam à fila com o apito de ordem e prosseguimento da caminhada. O carro-guia se mantém a frente e traz o indicativo de continuidade. Todos apostos. Posicionam-se e os pares voltam aos seus lugares de antes.

O Sol já vem mais alto. As nuvens continuam seu roteiro. O céu azul indica a beleza divina nas multicores que se forma com a terra. É tudo azul, verde, cristalino e cinzento da evaporação.

O trote sem corrida dos participantes, calmo e célere. O Som é mais pungente na medida em que se avança a caminhada. Já imaginamos a ponte da cachoeira Barnabé.

Percorrendo mais alguma distância, rápido se chegou ao dito monumento que se fez histórico. Ele dá uma coloração especial na peregrinação. Energia diferenciada no corpo e na alma. Magnetismo que poucos conseguem deslumbrar.

Em frente. Próxima parada é na Fazenda... Aliás, na porta da fazenda.

A caminhada foi exaustiva. Forma-se a fila. Terá café, chá, pão e leite. Um repasto para energização do corpo. Muita gente conversando. Os assuntos são variados. – Nos percursos anteriores, pedras soltas no caminho. Um cascalho fino, mas com formação irregular. Ora se esbarrou em uma, ora chutou outra. Alguns escorregaram. Outros se mantiveram firmes. Várias subidas e descidas. Dá para entender que nada foi fácil no percurso. Compreensível, afinal vivenciamos apenas um símbolo de força, energia e direção que é o Cristo, exemplo de nossas vidas.

Depois desta parada mais comprida, o carro-guia, estiloso Jipe verde, toma a dianteira e atrás dele todas os demais Irmãos. Música ligada e silencio na formação. Caminha-se para o momento mais solene do roteiro. Sabe-se que ainda enfrentará descidas e subidas significativas. E assim foi. Para quem já é bem acostumado à peregrinação, entende que estes últimos momentos até à Estância, conhecida como Casa do Caminho, do Monte é de altíssimas reflexões. Claro que não é diferente dos caminhos anteriores. Porém ao se aproximar da subida mais íngreme do trajeto, remete-se ao grau maior de introspecção do ser que almeja a melhora do padrão mental, de vibrações inferiores que o subjuga ao lamaçal terreno, da transitoriedade da vida, da ficção da carne entregue aos vícios e paixões menores, do inconsciente ainda dormente nas experiências rotas empobrecidas das vidas passadas, enfim é um momento especial de análise íntima.

Recepcionados pelo grupo de escoteiros com seu habitual e respeitoso cumprimento, todos adentram a área da Casa do Caminho e se dissipam, naturalmente, para breve descanso e descontração orientada. Sanitários ao lado. De um lado, uma casa bem frequentada pelo Ven Grão Mestre Yokaanam, que procurava sempre esse lugar para seus pensamentos mais profundos, segundo historiadores. Ali há algo que lembra o Mestre além de suas fotografias e pertences pessoais. Há uma energia de convicção, firmeza e dedicação que repassa a quem tenta compreender os objetivos maiores do dignatário.

Mais a frente uma capelinha, onde outrora a Venerável liderança, hoje todos os demais sacerdotes e autoridades iniciáticas se concentram, preparam-se, meditam e tomam postura de ação laboral. É aberta aos demais Irmãos que queiram conhecer e banhar-se nas auréolas vibratórias do ambiente. Como são muitos os pretendentes, rápidos adentram e logo saem. Na parte de fora da capelinha e aos fundos, uma Cruz de Madeira ao alto e degraus para sua base. Muitos

ajoelham, o próprio Mestre Yokaanam, tinha essa postura. Cada um faz suas orações e preces, banham-se em energias renovadoras e de compromisso.

Nas redondezas um pomar e grama imensos. Sombra abundante. Aqui um grupo conversa animadamente. Ali, outro, entre água, suco e revigorantes. Todos com estórias fartas. Outros, nem tanto. Introspectivos e olhares para o monte íngreme a ser vencido.

Um bom grupo de balandrau já se aproxima da base do monte. É seguido pelos demais participantes que acompanham a orientação. Formam-se filas, praticamente os mesmos casais que iniciaram a marcha. Um apito de silêncio e já se inicia a exaustiva subida ao Monte Tabor. Há, de certa forma, uma apreensão ao subir. Os cuidados são redobrados. Os cascalhos ficam bem soltos. Possibilidade de quedas e arranhões. Os que ficam atrás, preocupam-se consigo, com os da frente e, também, com os detrás. Momentos difíceis de manter a introspecção, a fé, a convicção e os acidentes ocasionais possíveis. Lembremos ainda do Mestre Maior entre o estertor dos ferimentos e dores, da dificuldade de locomoção, do madeiro pesado e da expectativa suprema de um corpo que ele fez questão de sentir seus contorces e dilacerações.

O relato de Maria, colhido do Livro BOA NOVA, Lição 30 “MARIA” narrado pelo Espírito do Humberto de Campos, psicografia de Chico Xavier, nos dá uma clara percepção do Martírio do Nosso Senhor, o Cristo, na visão angélica da genitora:

(...)

*Que profundos desígnios haviam conduzido seu filho adorado cruz do suplicio? Uma voz amiga lhe falava ao espírito, dizendo das determinações insondáveis e justas de Deus, que precisam ser aceitas, para a redenção divina das criaturas. Seu coração rebentava em tempestades de lágrimas irreprimíveis; contudo, no santuário da consciência, repetia a sua afirmação de sincera humildade: “Faça-se na escrava a vontade do Senhor!” **De alma angustiada, notou que Jesus atingira o último limite dos padecimentos inenarráveis.** (grifo nosso). Alguns dos populares mais exaltados multiplicam as pancadas, enquanto as lanças riscavam o ar, em ameaças audaciosas e sinistras. Ironias mordazes eram proferidas a esmo, dilacerando-lhe a alma sensível e afetuosa. Em meio de algumas mulheres compadecidas que lhe acompanhavam o angustiante transe, Maria reparou que alguém lhe pousara as mãos, de leve, sobre os ombros. Deparou-se lhe a figura de João que, vencendo pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se aquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo discípulo querido e ambos, ao pé do madeiro, em gesto súplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cúmulo dos tormentos. Foi aí que a fronte do divino supliciado se moveu vagarosamente revelando perceber a ansiedade daquelas duas almas em extremo desalento. - “Meu filho! Meu amado filho!...” Exclamou a mártir, em aflição, frente Serenidade daquele olhar de melancolia intraduzível. O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quisesse demonstrar, no instante derradeiro a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes: -Mãe, eis ai teu filho!... — E, dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: — “Filho, eis ai tua mãe!”*

(...)

Mas aqui, a marcha sequenciara sob forte mormaço. Nuvens ameaçadoras e o vento não que não conseguia dominar o vácuo calorento. Chegaram-se todos, até ao cume do Monte sem maiores aflições e, na toada da marcha, foram entrando na capelinha de onde assistiriam a missa em ação de graças ao Nosso Senhor Jesus, o Cristo.

Os Irmãos que não conseguiram lá ficar, foram se ajustando às cercanias da capela de forma a apreciar todos os preparativos para o Santo Evento. Da sonoplastia, agora interna, ouviam-se o Sermão do Monte e as Bem-aventuranças de onde se extrai sempre um lenitivo para a alma cansada dos suplícios íntimos, dos desenganos, do cansaço do homem velho que não dificulta o novo chegar e a modificação gradativa das velhas manias, dos velhos vícios... Aqui fora, Irmãos iniciados envolvidos com os preparativos para o cerimonial; o incensório custou a cumprir seu objetivo na ritualística, causado pelo tempo úmido, muito embora o calor reinante. Ao mesmo tempo os Sacerdotes Ecléticos já se preparam dentro das vestimentas próprias. Fora do átrio, na assistência, viam-se Irmãos serem atendidos em suas necessidades físicas em relação a queda ou subida de pressão, atendidos prontamente pelo grupo de profissionais da saúde. O áudio, sequenciado e conduzido por habilidosas mãos de uma Irmã, continuava mensageiro, à mercê das pequenas ocorrências, da dor do assento bruto sem encosto, das dores nas costas, do mormaço claudicante e das apreensões naturais a que todos são acometidos.

Inicia a missa com sua ritualística. Homenagem a Jesus, O Cristo... Mais de 60min litúrgicos. consolo pelo qual o tempo pode ajudar a digerir todos os recados contidos no evento (...)

No semblante da maioria, o cansaço visível. Porém, tudo faz parte, faria tudo de novo e quantas vezes forem precisas até que o encontro consigo mesmo se torne perene e profícuo na ordem evolutiva.

Terminada a liturgia com proeminência à soltura da pomba branca, símbolo maior de liberdade e disposição de crescimento espiritual, é hora de voltar... Voltar ao lar, à casa, mas com alimentos na veia da alma que, aos poucos, vão sendo digeridos se bem é o pensar. Não se deve esquecer as lições, os momentos, o que os olhos registraram, o que os ouvidos ouviram e todas as demais sensações de chamada ao equilíbrio, à justeza nas ações, mudança íntima de paradigma com disposição ao trabalho. O Cristo fez isso com seus ensinamentos. Viveu, preparou-se e agiu... Diante das consequências se fez mártir, suportou, perdoou e deu lições de superação por maior que fosse o suplício. A didática é essa: sem o Sentimento de Amor, nunca se conseguirá progredir.

Assim foram os nove quilômetros primeiros...

Para quem já é acostumado à peregrinação eclética, prática maior de reencontro consigo mesmo, revivendo potencialmente a mística Crística, sabe que o retorno sempre se faz ligeiro e segue a confraternização entre os iguais.

E para que os apontamentos sejam um tanto quanto mais breves, anotamos alguns realces digno de nota.

Dois quilômetros de retorno até a fazenda sempre com o carro-guia e suas indelévels músicas. A impressão reinante é que existem mais subidas que descidas até o retorno à sede da Fazenda. Ansiedade, cansaço e uma quase exaustão.

Ao descer do morro, viu-se pessoas que apesar da idade, mantiveram uma confiança exemplar. Preocupação quase zero, disposição ao pisar no cascalho escorregadio o que poderia levar a acidentes. Não obstante, venceram todos. Digno de nota, são Irmãos da casa, outros não, que se dispuseram a ajudar.

Chegando à fazenda, ainda em fila, um prazeroso e substancioso almoço. A sede está renovada, a casa vivificou, ornamentada na sua arquitetura, pintada e quintal imponente que não se

via em outros anos, mantendo na medida do possível, sua originalidade. Bancos de assento que vão até a uma piscina que já existia, porém não parecia fazer parte do acervo da sede. Houve um arrendo, segundo alguns Irmãos, e a Arrendatária deu um aspecto mais objetivo à funcionalidade na recepção dos peregrinos.

Com essas inovações, pode-se notar elogios e a psicofera de satisfação tomou conta de tantos e quantos estavam no evento.

Abastecidos todos, era hora de voltar...

O clima dava contornos de reviravolta. Do mormaço, a um vento indicativo de chuva. Nuvens espessas, volumosas, indicando chuva. E assim, pode-se confirmar ao chegarem na Cachoeira Barnabé. Pouco tempo de descanso e o tempo desabou em chuva torrencial. Do calor cáustico, ao frio da água descido dos céus. Seguiram todos para os vários metros ainda restantes, porém alguns episódios de desconforto. Além do cansaço físico, as consequências naturais da chuva. Poças d'águas, lama, roupas completamente ensopadas, preocupação com objetos e utensílios que não podiam ser molhados... Algumas paradas estratégicas para atendimento a um ou outro Irmão. Os Irmãos profissionais da saúde, foram acionados.

E assim, sem maiores incidentes, todos de volta. A última parada foi o Templo Sagrado de onde se iniciou a edição da peregrinação de 2026.

Fecharam-se, os últimos nove quilômetros e a sensação graciosa de dever cumprido.

Aurélio Jinain Paulo da Silva, 63 Anos, é filho do Irmão Anaxágoras, peregrino exodino, residente no plano das estrelas. Atualmente nosso Irmão é membro da Comissão de Irmãos Solidários.